

# **A REVOLUÇÃO BOLIVIANA DE 1952: ENTRE A RUPTURA E A DESILUSÃO**

Tiago Renato Tobias Vieira  
Prof. Eliel Ribeiro Machado (Orientador)

## **RESUMO**

A revolução boliviana ocorrida no ano de 1952 nos apresenta, mediante análise, uma prodigiosa e rica exposição de como a luta de classes se desenvolveu na Bolívia naquele ano, pois o proletariado mineiro e os camponeses por pouco não deram fim ao Estado burguês, graças às manobras do MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário), que freou o projeto revolucionário popular, antagônico ao projeto sócio-político e econômico proposto pelas classes dominantes como forma de acalmar os ânimos populares. O presente artigo tem por objetivo, antes de tudo, fazer justiça histórica ao acontecimento pouco estudado até os dias atuais e também, por meio do materialismo histórico e dialético, elencar os principais aspectos que fizeram desta revolução um conflito antagônico de projetos de nação. Buscamos também compreender os motivos que desencadearam a revolução, bem como suas conquistas e derrotas no contexto da luta de classes.

Palavras-chave: Bolívia; revolução; luta de classes.

## Antecedentes da revolução

Até o ano de 1952, a nação boliviana pode ser considerada como local em que o modo de produção calcado nos setores rurais era devidamente expressivo. Grande parte da produção rural era guiada pelo campesinato indígena, formado etnicamente por aimarás e quíchuas.<sup>718</sup> A população da Bolívia era formada também por índios guaranis, na parte sudeste. As grandes propriedades de terra eram controladas pelos chamados *terratenientes*<sup>719</sup>, que conseguiam mão-de-obra farta e barata. A concentração de terra em mãos de poucos contribuiu para que o país fosse o exemplo crasso do que significa o sistema latifundiário na América Latina. Os indígenas explorados pelo brutal sistema de trabalho dos *terratenientes*, em sua grande parte eram induzidos a trabalhar sem nenhuma garantia trabalhista e salarial. Em troca da sua mão-de-obra, os latifundiários, por meio de um rígido sistema cambial, “doavam” um pedaço de terra para que eles pudessem morar e trabalhar. Sem a menor possibilidade de se rebelarem, os indígenas foram coagidos a trabalhar de forma brutal para os *terratenientes*. A posição submissa de parte dos índios bolivianos nunca foi a condição determinante de suas existências.

O passado ancestral de resistência indígena e camponesa nunca fora silenciado. As rebeliões de Tupac Katari e Tupac Amaru durante o século XVIII mantinham seus ecos na história profunda dos povos andinos. (ANDRADE, 2007, p. 51).

Mariátegui, (1982, p. 55) afirma que

A raça índia não foi vencida, na guerra da conquista, por uma raça superior étnica ou qualitativamente, mas sim foi vencida por uma

---

<sup>718</sup> O contingente populacional boliviano nunca pode ser caracterizado como homogêneo. Numerosas composições étnicas existem e detêm elementos particularidade no que se referem as suas respectivas culturas. Encontram-se aimarás na Bolívia, onde correspondem a um quarto da população.

<sup>719</sup> Equivalente a latifundiários.

técnica que estava muito acima da técnica dos aborígenes. A pólvora, o ferro, a cavalaria não eram vantagens raciais; eram vantagens técnicas (...). A luta que, desde os dias da conquista, os indígenas sustentaram contra os invasores teve várias fases ligadas às suas condições econômicas, aos sistemas de exploração e à força política dos poderes opressores. Teve suas épocas de retração e seus períodos de intensificação violenta.

Do outro lado, encontramos a figura do proletariado mineiro, que pode ser considerado o setor mais organizado e coeso nesse período. Durante certo tempo, três grandes famílias<sup>720</sup> (Aramayo, Hothschild e Patiño) controlavam as minas de estanho<sup>721</sup>.

A importância econômica da exploração do estanho na economia nacional tornou-se gradativamente maior ao longo do século XX, o que aproximou ainda mais a Bolívia do mercado internacional. Entre 1900 e 1909 o estanho já representava 40% do comércio exterior; entre 1920 e 1939 alcançava 72%; entre 1940 e 1949 chegou a 75% do total do comércio exterior do país. (ANDRADE, 2007, p. 27).

Esta “casta” detinha o controle político-econômico do Estado burguês. Na Bolívia, não havia nem uma burguesia capaz de fazer a revolução democrático-burguesa, muito menos um campesinato e um proletariado consistentes para alavancar uma possível ruptura em direção ao socialismo. O vetor principal capaz de fazer as mudanças sociais era o próprio Estado, o Estado burguês controlado pela rosca. A depressão econômica que assombrou o mundo capitalista em 1929, com o *crack* da Bolsa de Nova York, escancarou a faceta do sistema econômico baseado na exportação de bens primários, processo comercial que foi a

---

<sup>720</sup> Popularmente conhecidas como a *rosca*.

<sup>721</sup> Simon Patiño detinha 62 % do volume das exportações de estanho em 1931. Mauricio Hothschild, 26% do controle das exportações em 1938 e Carlos Aramayo, 10% em 1934.

característica das nações latino-americanas nas primeiras décadas do século XX.

A Bolívia conservou em seu subsolo, até o século XV, uma das maiores concentrações de riqueza mineral do Novo Mundo. Com o início da Era Colonial, entretanto, foi alvo dos obtusos ditames do mercantilismo europeu, o qual, pregando o enriquecimento a qualquer custo, deixou devastado o território boliviano. A prata de Potosí, em quantidade que, segundo relatos de viajantes, era suficiente para se construir uma ponte entre Bolívia e Europa, foi o primeiro alvo da desmedida ganância européia. Enquanto servia a seu enriquecimento, a saída do minério de seu território de origem consolidava a miséria e a fome de mais de 85% da população, representados por quíchuas, aimarás e cholos ou mestiços, diante de uma minoria branca, constituidora dos 15% restantes. Seu histórico de perdas, entretanto, perpassa a extração dos recursos minerais e atinge sua dimensão territorial, reduzida em mais de 50% de sua extensão original. A perda de terras seu deu, em um primeiro momento, para o Chile, e representou, ainda, a perda do salitre e da saída para o Pacífico. Em seguida, em acordo claramente desvantajoso para si, cedeu às terras do Acre para o Brasil, terminando por entregar ao Paraguai, naquela que ficou conhecida como Guerra do Chaco, outra significativa porção de seu território. Tais derrotas, igualmente, não se deram de maneira pacífica, ao alvedrio da população. A exploração a que foram submetidas, fez das massas fontes constantes de revoltas e insurreições, resultantes, na maioria das vezes, em mortes e novos governos militares. (MARQUES e ZANELLA, 2007, p. 1-2).

O sistema econômico da Bolívia foi afetado de forma contundente, trazendo atrás de ondas baixas, um *tsunami* de descontentamento popular e crises políticas. O desmoronamento do preço

do estanho a partir da década de 1920 pegou de surpresa o sistema financeiro boliviano e mundial. Como consequência da depressão econômica pós-1929, a produção de estanho teve queda de aproximadamente 46.000 toneladas em 1929 para 14.700 toneladas em 1930. Com a queda da produção vieram as deteriorações das condições de vida do proletariado mineiro, devido ao arrocho salarial e demissões em massa. Sobre as condições de trabalho dos mineiros bolivianos, em seu clássico *As veias abertas da América Latina*, o escritor uruguaio Eduardo Galeano (1987, p. 34) afirma:

A *neumoconiosis* foi a primeira doença profissional da América; atualmente, quando os mineiros bolivianos completam trinta e cinco anos de idade, seus pulmões se negam a continuar trabalhando: o implacável pó de sílico impregna a pele do mineiro, racha-lhe o rosto e as mãos, aniquila-lhe os sentidos do olfato e sabor, e conquista-lhe os pulmões, endurece-os e os mata.

A maior parte do proletariado que vinha das comunidades indígenas (aimarás e quíchuas) reivindicava melhores condições de trabalho (para quem ainda tinha emprego), fim das demissões e aumento salarial. Ao mesmo tempo em que eram reivindicações proletárias, estritamente econômicas e imediatas, pode-se notar que elas não estavam separadas dos problemas étnicos:

As questões de classe na Bolívia não podiam ser dissociadas de suas origens étnicas. Mas o movimento operário tinha muito a caminhar, já que o nível de organização era incipiente comparado com o que viria a ser nos anos subseqüentes, e a capacidade de reação da *rosca* era grande. Para dificultar mais ainda a posição dos operários e da população boliviana em geral, ocorreu em 1932 a Guerra do Chaco, provocada pelo presidente Salamanca, contra o Paraguai, país vizinho que a todo custo tentou evitar o conflito. Tendo que

enfrentar protestos populares e grave crise econômica, o governo Salamanca viu numa guerra contra o Paraguai a possibilidade de conquistar uma vitória fácil. Assim, as atenções dos bolivianos seriam desviadas, o governo se fortaleceria e novos territórios seriam incorporados ao país. A Guerra do Chaco, que durou de 1932 a 1935, ceifou a vida de cem mil homens e teve como desenlace uma derrota trágica da Bolívia, que além de humilhada nos campos de batalha, contrariamente ao pretendido, perdeu um quinto de seu território. A guerra acelerou a derrocada de Salamanca, e sua substituição por Tejada Sorzano, e fez surgir novos nomes de importância política nacional, como David Toro, Carlos Quintanilla, Enrique Peñaranda e Germán Busch, que se destacaram nas frentes interna e externa no período belicista. Em 1937, Tejada foi deposto por um setor do exército boliviano, que empossou os oficiais David Toro e Germán Busch no poder. Os coronéis Toro e Busch iniciaram o período denominado de "socialismo militar", em que as figuras dos militares apareciam como tradutores estatais dos anseios populares. Denominação *sui generis* para um período que abriria aos poucos o caminho para 1952 e no qual a oficialidade tentou uma maior aproximação com os movimentos dos trabalhadores e criou certo clima de apreensão entre os barões do estanho. (PERICÁS, 2007, p. 111-112)

Esse contexto, conseqüentemente abriu espaço para a formação de distintos partidos, que iam desde partidos constituídos pelo operariado combativo e socialista<sup>722</sup> como o singular MNR, com suas variadas correntes políticas.

---

<sup>722</sup> Como o partido Obrero Revolucionário, o Partido Socialista Operário Boliviano, o Partido da Esquerda Revolucionária

## Da formação dos partidos políticos

Após o período singular do "socialismo militar"<sup>723</sup>, as lutas políticas do proletariado mineiro e dos explorados em geral passam a se organizar em partidos. Os partidos políticos bolivianos desempenharam um papel crucial no período revolucionário. Segue abaixo um quadro explicativo em que podemos localizar melhor os partidos políticos fundados no período abordado:

<b>Partido</b>	<b>Fundação</b>	<b>Orientações e correntes ideológicas</b>	<b>Principais líderes</b>
POR-Partido Obrero Revolucionário	1934	Marxismo-Leninismo Marxista Indigenista Trotskismo	Tristán Maróf (Gustavo Navarro) José Gainsborg Guillermo Lora
PSOB-Partido Socialista Operário Boliviano	1938	Marxista Indigenista	Tristán Maróf (Rompe com o POR)
PIR - Partido de Izquierda Revolucionaria	1940	Nacionalista	Jose Antonio Arze
MNR-Movimento Nacionalista Revolucionário	1941	Nacionalista Antiimperialista Fascista Socialista <sup>724</sup>	Victor Paz Estenssoro Hernán Siles Zuazo Carlos

<sup>723</sup> O socialismo militar pode ser caracterizado pela tentativa dos coronéis Toro e Busch de aproximar o Estado e fazer do mesmo um representante das aspirações operárias e populares.

<sup>724</sup> O Movimento Nacionalista Revolucionário abrigava desde quadros simpáticos aos governos fascistas europeus, como o de Mussolini até setores nacional-progressistas que propunham maior aproximação com os sindicatos camponeses, centrais sindicais e partidos operários das cidades, como o caso da COB (Central Obrera Boliviana e do POR (Partido Obrero Revolucionário).

			Montenegro
--	--	--	------------

No ano de 1946, Guillermo Lora, membro influente do POR<sup>725</sup> consegue aprovar as teses de Pulacayo<sup>726</sup> no congresso da Federação Sindical dos trabalhadores mineiros bolivianos (FSTMB). Um longo e extenso período de silêncio das camadas populares era consequência de um amadurecimento político que tomaria forma e estouraria em 1952. De acordo com Andrade (2007, p. 68):

A aceleração do processo revolucionário esteve vinculada, por outro lado, à participação crescente da classe operária na vida política do país. As teses de Pulacayo exemplificavam o amadurecimento político do proletariado, ajudando a orientar suas ações e a consolidar, em particular entre os mineiros, uma consciência revolucionária, que se difundiu em diferentes graus para outras camadas populares, o que foi, em parte, consequência dos esforços de propaganda política promovidos pelos partidos de esquerda nos anos anteriores.

O período em que o MNR abandona suas raízes conservadoras de cunho fascista se dá entre 1946 a 1952. A partir de então, almejam um reformismo de cunho nacionalista e liberal. Em 1951 ocorreram as eleições que abririam as portas da revolução, afinal, o MNR apesar de suas inerentes contradições e conflitos ideológicos internos tinha conseguido apoio dos sindicatos mineiros e de nada mais nada menos que Juan Lechín, celebre líder do sindicalismo mineiro. O aval fora dado e a candidatura de Paz Estenssoro encontrava respaldo e apoio em várias camadas sociais. Mesmo não obtendo a maioria dos votos, os apoiadores de Estenssoro esperaram a decisão do Congresso Boliviano. Mamerto

<sup>725</sup> O POR foi uma das seções mais importantes da IV Internacional Socialista.

<sup>726</sup> Base teórica e programática do movimento sindical boliviano.



Urriolagoitia, então presidente, pressionado pelas Forças Armadas foge da Bolívia e assim, uma junta militar liderada por Hugo Ballivián assume o governo. As pressões populares se acentuam e os militares se encontraram dificuldades de governar o país, pois a pressão dos movimentos e partidos em torno do MNR tornara-se fora de controle:

Ciertamente, e os una apetencia política muy intensa la que se pone en marcha, y de hecho no es exagerado afirmar que los obreros, y en particular los mineros en toda esta época (...) han interiorizado como un componente indisoluble de su identidad de clase la cercanía al Estado, la ambición de integración en el Estado. (LINERA, 2008, p. 151).

A pressão popular foi o ponto de ruptura, o elemento essencial para que a revolução ocorresse em 9 de abril de 1952.

## **A revolução de 1952**

No dia nove de abril de 1952, a Revolução Boliviana teve seu início, por meio de uma insurreição popular que pegou de surpresa as Forças Armadas, causando estrago surpreendente em sua estrutura, quase as desintegrando por completo. Os sindicatos tiveram papel crucial nesse processo revolucionário, ocuparam grandes propriedades de terras, empresas, órgãos de governos municipais, assumindo assim a instância de poder paralelo. O direito ao sufrágio foi dado a todos sem distinção, inclusive aos trabalhadores e indígenas analfabetos. Embora o MNR tenha tomado para si os anseios populares e propusesse alterações significativas de cunho nacionalista e anti-imperialista, entrava em rota de colisão com os limites deste mesmo nacionalismo.

O nacionalismo democrático-burguês, por mais radicalizado que seja, jamais será capaz de conduzir até o fim o processo de ruptura com o

imperialismo, afirmava Guillermo Lora<sup>727</sup>. Apenas o proletariado organizado em bases sólidas poderá realizar as reformas necessárias, apoiado pelo movimento camponês, abrindo a possibilidade de ruptura com o capitalismo e construindo a revolução socialista. O período revolucionário foi encabeçado pelos seguintes presidentes: Paz Estenssoro (1952-1956), Hernan Siles Zuazo<sup>728</sup> (1956-1960) e novamente por Estenssoro<sup>729</sup> (1960-1964). A revolução procurava realizar e concretizar as aspirações do proletariado mineiro, das camadas pobres da população e de todos e demais setores populares organizados do país. Entre as medidas concretas, a reforma agrária foi a mais significativa, conseqüência da mobilização de massa dos camponeses, capaz de alterar e diminuir a estabilidade do governo do MNR.

O grande impulso de constituição dos sindicatos camponeses ocorreu durante os primeiros meses da revolução de 1952, rompendo parcialmente com as estruturas tradicionais e étnicas que agrupavam o mundo agrícola andino. No entanto, a forte tradição comunitária fez desses primeiros sindicatos, incentivados pela revolução operária nas cidades, verdadeiros órgãos de poder local e autogestão popular. Não houve uma ação deliberada do governo do MNR em favor da mobilização camponesa e da reforma agrária. As iniciativas do governo foram respostas a um processo já em andamento e tiveram o objetivo de conter e limitar o movimento. (ANDRADE, 2007, p. 106)

O MNR também apresentava incoerência em suas propostas de reforma agrária. Os setores conservadores apresentavam claras objeções em relação às classes camponesas indígenas. No período pré-revolucionário, as propostas do MNR negligenciavam a participação

---

<sup>727</sup> Teses de Pulacayo.

<sup>728</sup> Mesmo com toda retórica antiimperialista, durante o governo de Zuazo, a Bolívia recebeu empréstimos gordos dos Estados Unidos.

<sup>729</sup> Tendo Juan Lechín como vice-presidente.

camponesa em seu estrategema revolucionário, afinal suas posições em relação à reforma agrária eram meros reflexos dos valores burgueses das lideranças do partido, que davam ênfase a proteção à propriedade privada dos meios de produção e pediam moderação dos setores mais radicais, como se pode notar no *Programa de Princípios de Ação do MNR*, citado por Andrade (2007, p. 107)

Exigimos que uma lei regulamente o trabalho do camponês de acordo com as peculiaridades de cada região sem modificar os costumes impostos pelo meio geográfico, mas garantindo a saúde e as necessidades do trabalhador boliviano. Exigimos que toda obra de colonização tenha em vista fazer todo boliviano, homem ou mulher, proprietário de terras(...)Exigimos o estudo sobre bases científicas do problema agrário indígena com vistas a incorporar à vida nacional os milhões de camponeses marginalizados dela, e a conseguir uma organização adequada na economia agrícola para obter o máximo rendimento.

No período pré-revolucionário, as propostas do MNR se limitavam, em sua maioria, a medidas superficiais, que não tocavam na raiz da problemática agrária. O partido deixou de lado a participação indígena e só assumiu as bandeiras da reforma agrária quando a ala mais conservadora perdeu espaço, graças à pressão dos setores populares. Mostrando oportunismo, ele utilizava a questão agrária como meio para que os camponeses constituíssem uma base sólida de apoio ao governo, ao mesmo tempo em que brecava as demandas radicalizadas dos setores operários, conseguindo assim, certo equilíbrio entre as demandas populares e o pragmatismo governamental tão a gosto dos liberais. Desse modo, o MNR cooptou os setores populares mais à esquerda do espectro político, traíndo as principais reivindicações do proletariado e dos indígenas, perdendo apoio popular graças ao seu jogo de equilíbrio no xadrez da correlação das forças políticas, abrindo espaço para o golpe de

1964, colocando um fim as reais possibilidades de radicalização da revolução e constituindo assim, uma página virada na história das revoluções (e de suas tentativas) na América Latina.

### **Considerações finais**

A revolução iniciada em 9 de abril de 1952 pode ser considerada um marco na história das lutas populares na América Latina, obtendo rápido êxito e também, rápido declínio, pois como podemos notar, o MNR cooptou os setores mais radicais da cena política boliviana. Mesmo não conseguindo superar os limites do reformismo, a revolução deixa lições que podem ser apreendidas pelos movimentos populares que pululam atualmente na América Latina. Concretamente, quais foram as consequências do processo revolucionário?

Primeiro, houve a formação de uma pequena burguesia agrária ligada ao mercado das cidades, que logo viria a ficar dependente de investimentos externos. Ocorreu a individualização da produção, ademais, fazendo com que as antigas comunidades indígenas muitas vezes se dissolvessem a partir da criação de um grupo de pequenos proprietários. A forma de exploração do campesinato mudou, passando para o mercado e o sistema financeiro. (PERICÁS, 1997, p. 120)

Segundo Aldo Durán Gil (2003, p. 54):

Ao propiciar as condições necessárias para a reprodução das relações capitalistas de produção, o Estado burguês produz, através das suas funções essenciais, contradições e crises provocadas pela luta de classes nos níveis econômico, político e ideológico. Ou por outra, ao cumprir o papel de amortecer e estabilizar os conflitos e antagonismos de classe (através de sua função-limite de

frustrar a revolução anticapitalista), criando as condições ideológicas necessárias à reprodução das relações capitalistas de produção, o Estado burguês tende a se constituir como um Estado portador de crises e contradições em razão da luta de classes nos diversos níveis da estrutura social. Logo, ele tende também a se constituir como um Estado que é atravessado pela constante instabilidade política devido ao efeito dessas crises e contradições das relações de classe.

A revolução boliviana de 1952 teve por elemento propulsor as insatisfações do operariado mineiro e dos camponeses, que propunham mudanças radicais nas condições de vida da população. O processo revolucionário fez com que os índios e analfabetos participassem mais ativamente da vida política, fortalecendo o operariado mineiro por meio da nacionalização das minas de estanho e da criação da COB (Central Obrera Boliviana). No entanto, a revolução não foi suficientemente capaz de transformar radicalmente a estrutura econômica da Bolívia, pois não conseguiu romper com os limites impostos pelo Estado burguês, devido a uma série de fatores, dentre os quais, a habilidade do MNR de frear as tentativas mais radicais de sublevação popular, ao mesmo tempo em que era visto como sujeito revolucionário, em detrimento das reais possibilidades de transformação advindas do povo sublevado, que creditou todas as esperanças da revolução no MNR.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. *A Revolução boliviana*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

DURÁN GIL, Aldo. *Estado militar e instabilidade política na Bolívia (1971-1978)*. Campinas: Unicamp, 2003. Tese de doutorado.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

LINERA, Álvaro Garcia. *La potencia plebeya: Acción coletiva y identidades indígenas, obreras y populares en Bolívia*. Biblioteca Virtual Clacso, 2008.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Política*. BELLOTO, Manoel; CORRÊA, Ana Maria (Orgs). São Paulo: Editora Ática, 1982.

MARQUES, Pâmela Marconatto; ZANELLA, Cristina Koehler. *Brasil, Bolívia e a exploração de recursos naturais: Avaliação da nacionalização dos hidrocarbonetos bolivianos em uma abordagem interdisciplinar*. Florianópolis, 2007.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Processo e desenvolvimento da revolução boliviana. In: *Lutas Sociais*, Vol. 3, 1997.